



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14734 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 23 - Gênero, Sexualidade e Educação

**MASCULINIDADES, DESINFORMAÇÃO E HUMOR: CURRÍCULO E PEDAGOGIA CULTURAL EM ARTEFATOS MIDIÁTICOS COM O ZÉ GOTINHA PÓS-COVID-19**

Tiago Duque - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

**MASCULINIDADES, DESINFORMAÇÃO E HUMOR: CURRÍCULO E PEDAGOGIA CULTURAL EM ARTEFATOS MIDIÁTICOS COM O ZÉ GOTINHA PÓS-COVID-19**

Na Educação multiplicam-se pesquisas sobre currículo e pedagogia cultural com diferentes artefatos midiáticos. Elas são dedicadas à produção de sujeitos com certos modos de ser, sentir e agir em meio a diferentes marcadores sociais das diferenças – gênero, sexualidade, raça etc (Silva, 2001; Sabat, 2001). Considerando a pandemia da Covi-19 e as mídias digitais, diferentes estudos também se voltaram a questões da Educação na internet, sobre modos de ensino-aprendizagem e interações não síncronas. Diante disso, tenho entendido o quanto a experiência online e offline não são universos à parte, mas se retroalimentam na produção da realidade social. Portanto, para estudar artefatos e interações em ambiente digital é preciso considerar o contexto sociocultural para além do ambiente tido como virtual (Miller, 2013).

A pandemia da Covid-19 instaurou-se no governo do Brasil uma antiagenda dos direitos humanos, especialmente no que se refere a diferenças de gênero, sexualidade e raça (Agostini *et al.*, 2019). Esse clima favorece iniciativas e movimentos ligados a práticas de desinformação, tanto com conteúdos voltados à Educação como aqueles voltados à Saúde (Deslandes, 2019). Multiplicam-se

iniciativas anticientíficas de comunicação utilizadas “por grupos que fazem uso de diferentes táticas, com o objetivo de conquistar ou influenciar a opinião pública” (Miskolci, 2023, p. 13). Exemplos são as *fake news* envolvendo a eficácia da vacinação. Em meio a isso, nas mídias digitais reivindicou-se a volta do personagem Zé Gotinha, uma marca governamental brasileira criada na década de 1980 para campanhas de imunização infantil (Porto; Ponte, 2003). Este personagem é entendido aqui a partir da sua materialização em diferentes artefatos midiáticos digitais, portanto, tendo currículo e pedagogia.

O Zé Gotinha pós-Covid-19 multiplicou-se em diferentes mídias digitais – com ou sem espaço de interação na internet. Ao longo da sua biografia, mesmo antes da era digital, ele já era representando com diferentes masculinidades (França, 2022). Isso não mudou, mas parece ter havido uma intensidade de aparições potencializando uma multiplicidade de representações do masculino. Parte delas, inegavelmente, tem relação direta com socialidades envolvendo o riso na internet. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa foi analisar a produção currículo-pedagógica das masculinidades do personagem midiático Zé Gotinha pós-Covid-19 em ambientes de humor na internet.

O enfoque temático humorístico justifica-se pela importância que o riso tem tido na contemporaneidade. Alguns têm afirmado que o cômico perdeu a força política por termos vivido em sociedades de consenso fraco e que transformaram o riso em um bem mercadológico corriqueiro (Minois, 2003). Contudo, especificamente no Brasil, com histórico de um Estado autoritário, Igrejas Cristãs fundamentalistas e partidos políticos muitas vezes atuando contra experiências de reconhecimento de direitos em torno de questões de gênero, sexualidade e raça, entendo que o risível ainda pode apresentar um conteúdo crítico a relações assimétricas de poder.

Nesse sentido, em uma perspectiva pós-crítica em Educação (Meyer; Paraíso, 2014), isto é, envolvendo estudos culturais, feministas/queer, pós-coloniais e decoloniais, as análises são realizadas aqui a partir de dados levantados metodologicamente por meio da etnografia digital (Leitão; Gomes, 2017; Padilha; Facioli, 2018). Ela envolveu uma imersão no campo, neste caso, sites e páginas humorísticas da internet em busca do personagem Zé Gotinha. Registrou-se não apenas a imagem em si, mas todas as informações que puderam ser relacionadas ao currículo e a pedagogia em questão, inclusive comentários e reações da audiência (usuários da internet). Do ponto de vista ético, os ambientes são informados aqui por serem públicos, mas a identidade das pessoas responsáveis pelos comentários postados, ainda que possam ser acessadas livremente nos ambientes, foram mantidas em segredo (Nunes, 2019).

Dentre as possibilidades de ambientes encontrados, foram selecionados dois

canais do Youtube e duas páginas do Instagram. Essa seleção foi feita considerando que esta pesquisa é qualitativa, tendo esses ambientes dados diversificados entre si, especialmente em termos de masculinidades. São eles: os canais do Youtube “Porta dos Fundos” (PF) e “Charges.com.br” (CH); as páginas do Instagram “depoisdojantar” (DJ) e “Zegotinhapresidente” (ZP). Os artefatos selecionados nestes ambientes são de dois tipos: vídeos e imagens. Durante a pesquisa, não foi possível identificar uma diferença marcante entre a audiência comparando esses ambientes. O currículo e a pedagogia analisados a seguir dizem respeito ao conjunto dos artefatos com o Zé Gotinha e a interação etnografada nestes ambientes, portanto, o que se busca aqui é o que se ensina e como se aprende com humor envolvendo o personagem em geral, e não com cada um desses ambientes em si ou especificamente com um ou outro artefato midiático.

As masculinidades são performaticamente protéticas (Butler, 2003; Preciado, 2014) nos artefatos encontrados, o que garante inteligibilidade cultural e, por isso, o riso. Ao me referir a prótese, por exemplo, em DJ o personagem aparece com elas na cor azul claro: gravata borboleta e lentes dos óculos. Ao mesmo tempo, utiliza-se de uma fantasia e maquiagem toda branca, como o esperado, mas escolheu luvas pretas como uma marca diferenciadora. Nas imagens do perfil ZP é frequente o personagem aparecer de terno preto, conforme se tem no imaginário a imagem dos políticos. Em termos performáticos, por exemplo, também no ZP ele aparece fazendo uma coreografia que viralizou em outra rede social (TikTok). No vídeo do PF o Zé Gotinha surge amarrado com as mãos para trás, chorando com medo do militar que o tortura psicologicamente, representando certa contradição com a performatividade da “masculinidade hegemônica” (Connel; Messerschmidt, 2013), isto é, aquela que corresponderia a um tipo de estrutura da ordem de gênero em que o masculino não chora. Ele se salva fazendo-se passar por alguém da *Ku Klux Klan*.

Assim, masculinidades performaticamente protéticas nestes artefatos deslocam a imagem do personagem infantil do passado para múltiplas representações no presente. Há uma prática cultural envolvendo intercâmbio de sentidos de modo currículo-pedagógico por meio do riso enquanto “compartilhamento de significados”. Eles, os significados compartilhados, “organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e conseqüentemente geram efeitos reais e práticos” (Hall, 2016, p. 20). Não à toa parte do conteúdo, apenas para ficar nos citados no parágrafo anterior, diversifica masculinidades sem deixar de fora da representação elementos já consolidados, seja a violência militarizada dos homens fardados ou a cor azul clara atribuída ao sexo masculino (tão marcante nos chá-revelação do “sexo” dos bebês).

Masculinidades do Zé Gotinha surgem também na tentativa de enfrentamento à desinformação pelo humor. Ele aparece em CH criticando as

afirmações de influenciadores sobre vacinas não evitem doenças, mas as causarem. O contexto é uma entrevista bem-humorada em que ele diz que seu sonho é virar fisiculturista para conseguir emprego como Boneco Michelin (mascote com traços musculosos na cor branca de uma empresa de pneus) porque “postinho de saúde” paga mal. Entre os comentários da audiência, elogios e incentivos. Também se vê muitos *emojis* de risos e coraçõezinhos. Contudo, um chama a atenção para a realidade que se quer enfrentar: “Até o momento que assisti 13 pessoas (deram dislike) não irão vacinar os filhos! Santa ignorância!”

Todos os vídeos com o personagem na DJ são roteirizados para informar sobre saúde enfrentando as informações falsas. Em um deles, com forte sotaque carioca, Zé Gotinha entrevista o mosquito macho *Aedes Aegypti*, que se defende pelo fato de apenas as fêmeas transmitem doenças. Pressionado pelo entrevistador, o mosquito conta como se reproduz e como devemos nos proteger, inclusive, fazendo alusão à vacina contra a Dengue. A legenda do vídeo afirma em tom irônico, fazendo alusão a uma referência negacionista, que “Zé Gotinha entrevista é um patrocínio da Funerária Olavo de Carvalho, a primeira funerária para antivacinas”. A audiência responde também em tom de humor. Lê-se em um dos comentários: “Só senti falta da chinela no mosquito no final do vídeo”.

O sucesso nas redes sociais desses artefatos humorísticos indica o quanto os traços culturais são compreendidos, ainda que em meio a ambivalência do cômico, presentes nos deslikes, por exemplo. Essa compreensão indica que o que há de currículo-pedagógico no personagem risível corrobora o fato de que “o que faz que uma piada seja uma piada não é o seu tema, sua conclusão sobre o tema, mas uma certa maneira de apresentar tal tema ou uma tese sobre tal tema” (Possenti, 1998, p. 46). Por isso, é possível concluir que a produção das masculinidades do personagem midiático Zé Gotinha pós-Covid-19 em ambientes de humor na internet é inteligivelmente diversificada e em versões que não fogem das polêmicas da desinformação. Ela passa por elementos didático-pedagógicos de gênero não apenas hegemônicos em meio a um contexto de *fake news* e de significados compartilhados. Essa produção também permite concluir que o riso segue sendo político em termos de jogos de poder em uma sociedade de fortes consensos morais frente a limites para a valorização das diferenças de gênero, sexualidade e raça.

**Palavras-Chave:** Zé Gotinha. Desinformação. Currículo. Pedagogia Cultural.

**REFERÊNCIAS:**

- AGOSTINI, R.; ROCHA, F.; MELO, E.; MAKSUD, I. A resposta brasileira à epidemia de HIV/AIDS em tempos de crise. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n.º 12, p. 4599-4604, dez. 2019.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da realidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n.1, p. 241-82, 2013.
- DESLANDES, K. Sobre disputas anti-igualitárias e políticas públicas: mais argumentos para o debate. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 23, p. 1-4, 2019.
- FRANÇA, R. O. Saúde mascarada: tensionamentos e apropriações do personagem Zé Gotinha durante a pandemia brasileira. **Rumores**, n. 31, v. 18, p. 87-111, 2022.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- LEITÃO, D. K.; GOMES, L. G. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Revista Antropolítica**, n. 42, p. 41-65, 2017.
- MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- MILLER, D. **Trecos, Troços e Coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- MINOIS, G. **História do Riso e do Escárnio**. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- MISKOLCI, R. Muito além do negacionismo: desinformação durante a pandemia de Covid-19. **Sociologias**, v. 25, p. 1-26, 2023.
- NUNES, J. B. C. Pesquisa Online *In*: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em Educação: subsídios**. Rio de Janeiro, ANPED, 2019, p. 146-154.
- PADILHA, F.; FACIOLI, L. Sociologia Digital: apontamentos teóricometodológicos para uma analítica das mídias digitais. **Ciências Sociais**, v. 54, n. 3, p. 305-316, 2018.
- PORTO, A; PONTE, C. F. Vacinas e campanhas: imagens de uma história a ser contada. **História, Ciências, Saúde**, v. 10, p. 725-742, 2003.
- POSSENTI, S. **Os humores da língua: análise linguística de piadas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

PRECIADO, P. **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: Edição 1, 2014.

SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, p. 04-21, 2001.

SILVA, T. T. da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.